

Nome(s) do(a/s) Autor(a/es):

Sandra Makowiecky, Universidade do Estado de Santa Catarina

Luana M. Wedekin, Universidade do Estado de Santa Catarina

Título:

A “Odisséia” de Ai Weiwei: arte contemporânea como refúgio das fórmulas antigas

Title:

Ai Weiwei’s “Odyssey”: Contemporary Art as a refuge for ancient formulas

Resumo:

Na mostra “Raiz” (2018) de Ai Weiwei na Oca, São Paulo, o visitante podia contemplar um grande mural estampado em adesivo vinílico que cobria um elemento arquitetônico da edificação. Tratava-se da obra “Odisséia” (2017). Em sua pesquisa artística, Ai Weiwei frequentemente promove confrontações com a tradição, inúmeras vezes em ações de quebra ou reformulação/ressignificação da arte do passado, por exemplo, em sua conhecida performance “*Dropping a Han Dynasty Urn*” (1995), o artista larga ao chão uma urna cerimonial de 2000 anos da dinastia Han. O tema central de “Odisseia” é a crise contemporânea de refugiados mas que, muito perspicazmente o artista faz remeter também à antiguidade. Consiste numa sequência de figuras, tratadas em preto e branco como silhuetas bidimensionais que lembram as antigas pinturas em cerâmica gregas, nas quais vemos cenas de guerra, ruínas, viagem, travessia marítima, campos de refugiados e manifestações. Para o argumento deste artigo, aproximamos Ai Weiwei de Aby Warburg. Podemos identificar nas silhuetas de “Odisseia” diversas fórmulas de *pathos (pathosformeln)*: a agressão e a defesa; o gesto da proteção (anjo e criança); o herói morto e as formas de luto. Parece-nos pertinente, então, retornar à questão perseguida por Warburg durante toda a vida sobre a restituição do antigo, desta vez no contemporâneo. Como e por que estas formas/fórmulas antigas retornam? A pertinência do problema de Warburg toca uma concepção de história da arte que se debruça sobre as experiências da comoção humana. O ativismo de Ai Weiwei se diferencia de muitos dos empobrecidos ativismos da agenda contemporânea atual para justamente tratar da transmissão dos estados da alma estudados por Warburg. Palavras-chave: Ai Weiwei; Pathosformeln; Aby Warburg e arte contemporânea; refugiados na arte.

ABSTRACT

In the exhibition “Raiz” (2018) by Ai Weiwei at Oca, São Paulo, the visitor could contemplate a large mural printed in vinyl sticker that covered an architectural element of the building. It was the work “Odyssey” (2017). In his artistic research, Ai Weiwei often promotes confrontations with tradition, countless times in actions of breaking or reformulating / reframing the art of the past, for example, in his well-known performance “Dropping a Han Dynasty Urn” (1995), the artist drops a 2000-year-old Han dynasty ceremonial urn. The central theme of “Odyssey” is the contemporary refugee crisis, that is treated referring occidental antiquity. It consists of a sequence of figures, treated in black and white as two-dimensional silhouettes that resemble ancient Greek ceramic paintings, in which we see scenes of war, ruins, travel, sea crossing, refugee camps and demonstrations. For the argument of this article, we approach Ai Weiwei with Aby Warburg. We can identify in the silhouettes of “Odyssey” several formulas of pathos (pathosformeln): aggression and defense; the protection gesture (angel and child); the dead hero and the forms of mourning. It seems pertinent, then, to return to the question pursued by Warburg throughout his life about the restitution of the old, this time in the contemporary. How and why do these old forms / formulas return? The relevance of Warburg's problem touches on a conception of art history that focuses on the experiences of human commotion. Ai Weiwei's activism is different from many of the current impoverished contemporary activist agenda to just deal with the transmission of states of the soul studied by Warburg. Keywords: Ai Weiwei; Pathosformeln; Aby Warburg and Contemporary Art; refugees in arte.